

ALGUNS AMIGOS DE CATALDO

Cataldus generoso uiro Ferdinando Alcasavo. Salutem.

Aduenerunt mihi litterae tuae periocundae, iocundiores marchioni, iocundissimae comiti filio. Nam dum eas marchio legeret, praelaetitia ridebat, ridensque in tremulos cachinnos rumpebatur. Modo litterarum figuras tam bene notatas laudando, modo latinitatem uehementius extollendo, uix tui ipsius esse epistolam illam stupefactus credebat. Ego non eloquentiam antea notam, sed optimi animi gratitudinem mecum ipse admirabar.

Cum me non minus absentem quam praesentem amore beneficiisque semper prosequaris ac si alter forem Petrus Alcasauus pater, quid dicam? Nescio. Quid rescribam non inuenio. Hoc ausim affirmare: me plus uni tibi quam uniuersis portugalensibus iure ipso debere.

Comes quoque Alcotini dominus et praeceptor meus in se tot quae in me assidue confers, collata omnino existimat. Ipsaque die operibus se satisfacturum sperat. Cuius nomine salutem commendationemque nuntio.

Nec me diu et tam longe absentem ab obseruantia erga te mea immutatum esse existimes. Sed eo in te sum animo quo semper pro mutua beneuolentia constanter extiti. Opera tum carmine tum soluta oratione edita testimonium perhibebunt ueritatis.

Magno Salomoni hoc est domino Martino pro me manum osculare. Cui iam diu quantum ipse inseruire desiderauit, tantum iniqua sors ab eius seruitio me distraxit. Quem tamen lucubrationibus immortalem, quantum nostra ualuit facultas reddidi, tametsi tantis suis uirtutibus, tantis suis meritis uiuens immortalis uixit semper et post uitam hanc immortalis aeternusque ueluti diuinus sit futurus. Vale.

Comentário

O destinatário desta carta é membro de uma espécie de “clan” de altos funcionários da administração régia, do reinado de D. João II à perda da independência, atingindo os Alcáçovas e Carneiros o seu ponto mais alto

quando um deles, Pedro de Alcáçova Carneiro, for feito Conde de Idanha¹ por Filipe II de Espanha, Filipe I em Portugal.

O marquês e o conde mencionados na carta são D. Fernando de Meneses, 2º marquês de Vila Real, e seu filho D. Pedro de Meneses, 2º conde de Alcoutim.

Cataldo começou a ensinar o conde de Alcoutim quando este tinha onze anos, por ordem do rei D. Manuel em 1498, mas D. Pedro de Meneses estudava latim desde os quatro ou cinco anos de idade, e o humanista italiano foi encarregado de aperfeiçoar os conhecimentos do seu jovem pupilo.

O “grande Salomão”, no final da carta, é D. Martinho de Castelo Branco, conde de Vila Nova de Portimão, herói do poema *Verus Salomon Martinus*², escrito cerca de 1511. A presente carta deve ser um pouco posterior a este ano.

O significado cultural e social desta breve epístola é grande. Ela mostra que Cataldo e os seus amigos portugueses se correspondiam em latim, facto confirmado por outras peças do epistolário do Séclo. E também revela que o ambiente social, a partir de D. João II, não é o de uma sociedade medieval de rudes barões guerreiros e incultos, mas o do mundo renascentista europeu. Isto, apesar de a historiografia oficial continuar a considerar os reinados de D. João II e de D. Manuel como parte da Idade Média.

Uma versão portuguesa da presente carta pode ser lida em *Cataldo Parísio Séclo. Epístolas II Parte*. Fixação do texto latino, tradução, prefácio e notas de Américo da Costa Ramalho e de Augusta Fernanda Oliveira e Silva. Lisboa. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005, p. 24-27.

A. COSTA RAMALHO

¹ Sobre os Alcáçovas e Carneiros ver o meu livro *Para a História do Humanismo em Portugal*, II, Lisboa, FCG / JNICT, 1994, p. 69-81.

² *Cataldo Parísio Séclo. Martinho, Verdadeiro Salomão* – Prólogo, tradução e notas de Dulce da Cruz Vieira. Introdução e revisão de Américo da Costa Ramalho. Coimbra. Instituto de Estudos Clássicos, 1974.